RESISTÊNCIA NO ASILO MIDIÁTICO

Marcia Rodrigues Aquino[1]

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM / PoA.

Resumo: Este trabalho procura analisar o fenômeno que denomino **asilo midiático**, um ambiente interacional midiático onde membros de grupos estigmatizados e minoritários – neste caso as mulheres de prática homossexual – podem compartilhar suas subjetividades com seus pares protegendo suas identidades de uma exposição potencialmente constrangedora. São analisados *sites*, *chats* além da seção *Troca-Cartas* da revista *Um outro olhar*, entendendo esse espaço como *locus* de resistência social contra uma definição hegemônica da prática homossexual, apesar de sua fragilidade como proteção da identidade.

Palavras-Chave: Homossexualidade; Resistência; Mídia.

Introdução

Vieste. Fizeste bem. Eu te aguardava. Puseste fogo no meu coração, que se abrasa de desejo. (Safo)

Este artigo é um convite ao leitor para um breve passeio pelo universo da cultura homossexual feminina na sua busca da outra, através do que designarei asilo midiático[2].

Com certeza o tema homossexualidade feminina embora antigo é de suma importância dentro da cultura contemporânea. Todavia não faz muito tempo que a sua relevância científica ganhou espaço entre pesquisadores, possibilitando, assim, maior entendimento dessa cultura de minoria.

É curioso observar o papel e o esforço da mídia em inovar no que diz respeito a questões de homossexualidade. O mercado midiático tem algumas leis próprias e uma delas, de senso comum, é a de que *se você não fizer, o seu concorrente fará*. Os profissionais do

[1] Mestre em Ciências da Comunicação – PPG CC UNISINOS e professora de Inovação e Criatividade na Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM / PoA.
[2] O asilo midiático é uma analogia que fazemos ao sigilo que a mídia oferece. O sigilo, a discrição como abrigo, como resguardo, como guarida.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação e Cultura das Minorias**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

mercado parecem ter feito a descoberta do século (passado) dando cada vez mais espaço para a representação da prática homossexual nos meios de comunicação de massa. Na mídia impressa, através de revistas, jornais, anúncios. Na mídia eletrônica, a internet com *chats* e *sites* do gênero ou não e a televisão com as telenovelas, programas de humor, seriados; no cinema, no teatro, na literatura e etc.

Inicialmente, será na antiga forma de encontro oferecida pela mídia – os classificados – que observaremos a resistência de mulheres de prática homossexual na sua busca afetiva de uma companheira. Os classificados que serão observados pertencem a uma publicação impressa e direcionada para o público de prática homossexual feminina. A seguir focaremos nosso olhar nos anúncios em formato *on line*, inseridos em *sites* do gênero homossexual feminino, e por fim, os *chats* – as salas onde elas se encontram. Estes últimos, não menosprezando os mais tradicionais (impressos), estão num espaço virtual que parece possibilitar a liberação do imaginário. São mulheres à procura de mulheres, num espaço reservado. Um espaço onde objetivos comuns são a própria marca da cultura homossexual feminina. Mas que cultura é essa que busca encontrar o par, a companheira, a namorada, a amiga no asilo da mídia?

A proposta é de analisarmos como se dá essa busca – essa aproximação, o cruzamento de olhares e eus no asilo midático.

Partindo de um olhar sócio-cultural, buscaremos examinar a seção *Troca-Carta* da revista *Um outro olhar* e o *site edições GLS*. Para este último foram rastreadas cinqüenta e três internautas na intenção de dar conta dos motivos que as levam a debruçar-se sobre o teclado e anunciar-se através de uma seção de classificados *on line*, bem como o uso de *chats* para eventuais encontros e namoro. Por que procurar namorada através da mediação do produto midiático?

Na seção *Troca-Carta* da revista *Um outro olhar* observaremos, através do mito de Narciso, quem essas mulheres buscam e que prioridade é dada para o desenho da mulher procurada. Existe um modelo definido?

E por fim, contrapondo estes dois produtos da mídia buscaremos verificar qual deles possui maior eficácia em termos de asilo midiático, bem como mediador nos objetivos destas mulheres que lançam mão destes recursos na sua busca da outra.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação e Cultura das Minorias**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

Homossexualidade Feminina – Algumas considerações históricas

A homossexualidade feminina tem sua origem na antiguidade. Em sua obra *A mulher sexualmente feliz,* Kunetzoff afirma que,

> *a homossexualidade é inclinação erótica por pessoas do mesmo sexo. Mulheres que se relacionam eroticamente com outras mulheres tem sua preferência sexual chamada de Lesbianismo ou Safismo – uma forma de lembrança da poetisa grega chamada Safo.* (KUNETZOFF, 1988, p. 70)

Safo nasceu e viveu na ilha de Lesbos, no início do século VI ªC. e era homossexual, assim como suas discípulas as quais dedicou seus poemas.

Seus poemas eram extremamente líricos e estes, por si só, parecem contradizer o mito popular de que toda mulher de prática homossexual tem ou deve ter a aparência masculina e que estas são desprovidas de sensibilidade, sentimentos femininos, feminilidade. Segundo Frank S. Caprio (1968, p. 24), "Safo viveu entre os anos 630 e 560 a.C. Seus antepassados eram nobres, seus pais ricos e felizes". A casa de Safo era conhecida por "Lar das Musas" por reunir jovens mulheres que contemplavam a música, a poesia e a dança. Contudo, mesmo tendo sua preferência por mulheres, ela casou-se e teve uma filha.

Na primeira década do século passado, Sigmund Freud, o pai da psicanálise, considerava que a homossexualidade constitui um retrocesso ao estágio inicial do desenvolvimento sexual e dessa maneira, poderia ser interpretado como um elemento de imaturidade sexual. Esse autor entendia que um componente homossexual pode ser registrado no desenvolvimento sexual de todos os seres humanos, o que revelaria uma manifestação residual de bissexualismo.

De acordo com Caprio, Freud levava a vantagem de trabalhar com pacientes que revelavam seus pensamentos, experiências sexuais, etc., enquanto aos seus predecessores – por não serem clínicos – escapavam tais vivências. Freud constatou uma forte "fixação materna" por parte dos indivíduos de prática homossexual masculinos, o que chamou de "complexo de Electra – uma forte ligação entre pai e filha". Já a teoria da inveja do pênis (também de Freud) é firmada na "profunda frustração psíquica, da mulher, ao descobrir que

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação e Cultura das Minorias**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

nasceu sem pênis". Revendo a "inveja do pênis" é observável, de certa maneira, que não é raro entre nossas crianças essa frustração, assim como entre mulheres de prática homossexual. Parece haver uma sensação de incompletude. Uma informante de prática homossexual como que rendendo-se a Freud, afirma: *(...) tudo é maravilhoso, porém chega um certo momento que o desejo de unir o teu corpo no outro – através do teu órgão sexual, no caso a vagina – passa por essa frustração*. A teoria da "inveja do pênis" parece estar relacionada a essa frustração, pois ela quer estar efetivamente, dentro da sua parceira. É observável em algumas meninas pequenas o desejo de querer fazer xixi em pé, como seus irmãos e amiguinhos.

A visão freudiana da homossexualidade tornou-se senso comum e, até por isso, representa um aporte teórico importante sobre essa questão, entretanto não é a intenção deste artigo desenvolvê-lo.

Existiu na França uma instituição lésbica de nome "Vestais de Vênus", onde mulheres mantinham relações sexuais (entre mulheres) em estabelecimentos denominados "Templos de Vesta". Mas não era qualquer mulher que fazia parte dessa instituição. Aquelas que desejassem fazer parte, eram submetidas a severos testes – em especial as casadas – pois já teriam mantido relações sexuais com homens.

O teste além de ser feito com as mulheres completamente nuas perante as associadas, baseava-se em nada mais nada menos do que "trinta encantos femininos, descritos numa ode francesa". Dos trinta encantos, pelo menos dezesseis ela deveria ter para iniciar-se, ser aceita. O poema dizia:

Que aquela que reclama a honra de ser bela,
de reproduzir em suas formas o soberbo modêlo
de Helena, que certa vez incendiou o mundo,
apresente a seu favor trinta provas diversas!
Que cobrindo-a cada qual triplamente,
branco, negro e encarnado matizados
ofereçam muitas vêzes aos olhos maravilhados
as variantes sutis de uma única côr.
Pois que nove vêzes essa obra-prima de amor,
a natureza, que é pródiga e é miserável,
em extremos opostos, com sua mão seguríssima
nela trace as medidas de suas dimensões:
Três pequeninos sinais deve ter em seu rosto
O perfeito contraste de uma divina combinação.

Que seu cabelo seja loiro, seus dentes como marfim,
Que sua pele seja mais fresca que a do puro lírio,
Que seus olhos e sobrancelhas sejam um pouco mais escuros,
Que seus cílios contrastem com a alvura;
Que suas unhas, sua face e seus lábios sejam rubros;
Que seus cabelos, seu colo e suas mãos longos,
Seus dentes, pés e orelhas pequeninos.
Que sua testa seja larga e seu peito amplo;
Que a ninfa tenha, sobretudo, nádegas arredondadas
Apresentando formas gentis a suas amantes;
Que sua cintura seja tal que permita à sua
Amante abraçá-la firmemente sem magoá-la;
Que sua doce bôca seja infalível augúrio
Anunciador do acesso dolorosamente estreito ao prazer.
Que o ânus, a vulva e o ventre
Sejam gentilmente fornidos e nunca chatos.
Um nariz pequenino agrada muito, como a pequena cabeça.
Mamilos que resistam aos beijos que reclamam;
Cabelos finos, lábios finos, dedos muito delicados
Completam o belo conjunto que jamais alguém logrou.
(BLOCH apud CAPRIO, 1968)

Depois de tanto tempo passado, como estão esses padrões? Quem a mulher de prática homossexual procura para sua companheira na contemporaneidade midiática?

Como Narciso, elas se debruçam - A busca da outra

> *... Apenas te vejo assim um instante, fico sem voz. Minha língua se trava. Um fogo penetrante flui em seguida por baixo da minha pele... (Safo)*

Desde que o mundo é mundo, as pessoas se procuram por motivos variados. Nessa procura o sujeito busca, entre outros, companhia, parceria e evidentemente um amor. Busca de alguém para dividir sonhos, dúvidas, dívidas, filhos, responsabilidades, etc. O encontro pressupõe busca e sua realização acontece num cruzamento de olhares favorecido por um ambiente de trabalho, entretenimento, em lugares públicos, viagens, apresentações entre amigos ou parentes e tantas outras formas. Esse cruzamento de olhares se estabelece na troca, na sintonia, na reciprocidade sutil ou escancarada; Nas "marcas" (manifestações) do nosso corpo: o arrepio, o frio no estômago, a lividez ou coloração rubra no rosto, o riso bobo, a

sensação de frio ou calor, taquicardia, falta de ar, calafrios. Essa busca do outro é a busca do amor sonhado e, para isso acontecer, é necessário um acordo. Como afirma Lúcia Santaella (1996) "a realização do amor, não é fruto da natureza, mas da graça, isto é, de um acordo intersubjetivo..." É o momento que ficamos a mercê do outro.

No ponto exato desse cruzamento (algo semelhante às bodas alquímicas de dois corpos que se abraçam), é que se instaura a chance da harmonia, sobrepondo-se ao dilaceramento de nossa condição simbólica: a imagem do outro que seu olhar projeta se cruza na imagem do seu eu projetada pelo olhar do outro. (SANTAELLA, 1996, p. 67)

A sorte está lançada. A chance da harmonia naquele momento exato depende tão somente da coragem de perceber o que se vê: o outro. E só posso ver o outro quando despedaço minha condição simbólica, quando deixo de enxergar-me, projetar-me no outro. Justamente como Narciso, que se perde confundindo sua imagem, os indivíduos na constante busca do outro muitas vezes não percebem que é a sua própria imagem que procuram e aí todos os subseqüentes conflitos.

É no campo midiático que o favorecimento para este encontro vem acontecendo. Na heterogeneidade de nossa sociedade dita pós-moderna, as mídias parecem ter especial atenção com seu público. Numa aparente preocupação em mediar contatos, intermediar amores, as mídias impressa e eletrônica fazem uso do seu formato espetacular proporcionando "encontros" entre sujeitos de todo gênero de orientação sexual.

Troca – Cartas, uma questão de identidade

Um outro olhar sugere um novo paradigma, outra forma de ver um antigo conceito. A revista *Um outro olhar*, direcionada ao público feminino de prática homossexual (circulação no eixo Rio/São Paulo), carrega as "marcas" deste público num agendamento inovador, que difere de outros, justamente por buscar desmistificar a prática homossexual feminina. A mulher é tratada com dignidade e tem a oportunidade de conhecer melhor o mundo GLS através de artigos que vão de religião a beleza. *Um outro olhar* oferece também assuntos relacionados à música, leitura e filmes. É claro que a seção cartas (na mesa) também está presente com as angústias, curiosidades e sugestões do seu público. É através desse espaço que mulheres das mais variadas idades, profissões, nível cultural, raça e credo se procuram, se

encontram se apaixonam e se amam (e muitas vezes casam-se e vivem felizes por longo período).

É uma busca pela identificação com a outra, a busca do amor sonhado. Porém, elas não sonham com príncipes encantados, mas com princesas, rainhas, deusas, guerreiras, heroínas, mulheres. Mulheres que gostam de mulheres.

A interação oferecida pela revista difere de outras no nível textual das cartas que se configuram numa linguagem moderada, simples, longe do estilo vulgar e até mesmo desencorajador que estamos acostumados a ver. É observável no agendamento da revista, o acordo intersubjetivo sugerido por Lacan, começando a estabelecer-se a partir dessas "marcas".

> *Se você é executiva, solteira, feminina, sincera e discreta, me escreva que estou à sua procura. Sou super carinhosa, romântica, alto astral e bom nível cultural. Quem sabe você será a minha belle de jour? Faremos uma amizade incrível. Angela, São Paulo – SP (Revista Um outro olhar, nº28 – ano 12, 1998)*

Angela, através do seu anúncio na seção Troca-cartas da revista *Um outro olhar*, revela seu eu na projeção do que procura: uma mulher – como ela – sincera, discreta, carinhosa, de bom astral, romântica e feminina. "O que essa marca projeta não é senão a imagem do eu imprimida na tela do olhar do outro" . (SANTAELLA, 1996, p. 67)

O amor tão sonhado pode estar ali, entre as páginas de uma revista. E é nessa busca da outra, sob a projeção do próprio eu, (textualmente descrita no anúncio) que existe a hipótese do perigo de perder-se – tal como Narciso – e afogar-se no lago. Na metáfora do afogar-se entendemos todo o desejo de encontrar alguém na formatação tão sonhada e, contudo, perder-se/afogar-se da e na própria identidade ao perceber que se busca no outro o que somos ou parte disso.

Sinceridade, discrição e carinho. Ao se referirem aos seus atributos, de certa forma afirmam que por possuírem esse perfil, procuram, portanto, alguém nas mesmas condições. Não existe diferença entre os gêneros de sexualidade, relativos a esta questão. O ser humano busca o outro independentemente da sua orientação sexual. Mas, no caso de mulheres que procuram outras mulheres, existe uma espécie de "química do igual" onde novamente, temos Narciso na busca de sua imagem. Elas buscam sua linguagem gentil, sensual, misteriosa,

sedutora, tudo que no sexo oposto raramente encontram. Vivemos em uma sociedade cujo patriarcalismo perdurou por muito tempo e ainda pode ser observado nas configurações familiares contemporâneas e com isso o óbvio: a herança, embora diluída com o passar dos anos, deixa seu legado no formato de tantos homens "durões" (e mulheres inclusive). Qual a mulher que em sã consciência afirma querer um homem do tipo "durão"? Sabemos que elas existem; do contrário, não existiria rastro algum do machismo herdado do patriarcalismo.

O detalhe na busca do cruzamento de subjetividades, que se dá através da mediação proposta pela revista *Um outro olhar*, encontra-se no asilo midiático. Elas não se revelam para a sociedade, pois estão protegidas pelo sigilo do produto midiático do qual lançam mão. Sua revelação se dá tão somente para outras mulheres que estão na mesma busca. Mulheres com todos os problemas, vantagens, alegrias, frustrações, etc. como qualquer outra do planeta. Porém o sigilo é necessário, pois elas estão submetidas por toda carga de uma mulher comum somada ao estigma de ser lésbica. Suas famílias, seus amigos, conhecidos, colegas de trabalho não sabem ou não tem certeza da sua orientação sexual. O asilo midiático configura-se justamente na acolhida, no abrigo, no resguardo de suas identidades. Seus nomes são codinomes e o que procuram, "significado e experiência" (CASTELLS, 1999, p. 22).

Segundo Castells, "entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo". Não há conhecimento de que exista povo destituído de identidade, onde a distinção entre eu, tu, nós, eles ou o outro não se faça presente. Ora, sendo a identidade, para Castells, "o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos inter-relacionados" (1999, p. 22), pode haver uma pluralidade de identidades para o ator social. O indivíduo pode ser concomitantemente trabalhador, estudante, professor, pai, irmão, surfista, homossexual, etc. Essa pluralidade se dá no que os sociólogos chamam de "papéis"*;* e na autodefinição do ator social podem existir papéis que ele julga mais importante. Uma informante relatou: *Sou filha! Este é o meu papel mais importante.* Poderá o asilo midiático proteger a homossexual feminina, não assumida, de ter sua sexualidade descoberta por seus pais?

De acordo com Castells (1999), a construção da identidade "sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder".

O autor propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades: a legitimadora, a de resistência e a de projeto. Se observarmos a segunda forma, a resistência,

veremos que esta leva à formação de comunas, ou comunidades. Essa categoria dá origem a formas de resistência coletiva diante de opressões que foram definidas pela história, biologia, geografia, etc.

A cultura homossexual foi calcada nas mais diversas formas de opressão. Até os dias de hoje, a homossexualidade tem sido alvo de opressão através do preconceito gerador da homofobia e, com este, todas as atrocidades e os mais variados desatinos contra a prática homossexual que assistimos no decorrer da história. Seria esse asilo midiático uma forma de resistência subjetiva à opressão do preconceito?

Outras mídias, com o mesmo intuito de aproximar essas pessoas, desdobram-se cada vez mais na busca deste objetivo. É o caso de *sites*, *chats* e programas de televisão.Veremos a seguir o que a internet tem proporcionado para mulheres que buscam outras mulheres.

De Quilombos a *Sites* e *Chats*

Na internet, *sites* e *chats* novamente nos conduzem aos lugares onde *elas* se encontram. Assim como em Lesbos – onde todas as mulheres se reconheciam na prática homossexual – os *sites* e *chats* do gênero homossexual feminino ofertam um ambiente que remete-nos ao sincretismo cultural e estes aos quilombos analisados por Canevacci. Engraçado, irônico, preconceituoso? Vamos ver.

O sincretismo cultural nasceu quando no Brasil nasceram os quilombos: espaços liberados pelos que recusavam a condição de cativeiro e que se armava contra o dono. (...) A não-aceitação de uma ordem cultural impositiva e destrutiva. Aqui nasce a palavra marronizar. (CANEVACCI, 1996:17).

Segundo Canevacci, "a marronização era a escolha política de fundar – fugindo – um espaço de liberdade autogovernado". Uma liberdade cultural que se estende aos seres humanos independente de sua cor, credo, etc., mas que vêem nessa fuga "um ato que também lhes dá a possibilidade de se tornarem livres, mesmo sem serem escravos".

Sem a necessidade, por hora, de fazer maiores argumentações sobre direitos humanos, lembramos que a prática homossexual sofre opressões socioculturais que, como toda opressão, traz severos danos.

Os *sites* e *chats* do gênero homossexual feminino, sejam eles quais forem, têm uma característica essencial para que mulheres de prática homossexual os procurem. Eles representam um espaço de liberdade, onde os objetivos são comuns:

> *(...) são sites criados especificamente para nós e os assuntos têm tudo a ver conosco. (Essencial)*
> *Sou tímida, e as salas de chat me permitem expressar por algumas vezes com mais facilidade meus desejos (Leoa)*
> *(...) minha cidade é muito pequena...não tem lugares específicos..por isso é um modo mais fácil de encontrar pessoas que compartilhem a mesma vida que eu...a mesma sexualidade... (Magic Paula). (Revista Um outro olhar, nº28 – ano 12, 1998)*

Através de pesquisa realizada entre uma pequena amostra de cinqüenta e três internautas que se anunciaram na seção classificados do *site* edições GLS com um retorno inexpressivo (quantitativamente), todavia de extrema utilidade, pois reitera a hipótese de que estes asilos midiáticos, esse formato tecnológico, *on-line*, são "um espaço de liberdade autogovernado", como um quilombo. Ora, elas entram nas salas, trocam idéias, palavras carinhosas, algum erotismo, marcam encontros. Vivem num espaço (mesmo que virtual) de liberdade para ir e vir. Interagem com pessoas que carregam as mesmas necessidades, os mesmos anseios e opressões. As fantasias podem se manifestar, pois as pessoas não estão frente a frente nem em tempo e nem em espaço real. Leoa relata que esses espaços *permitem expressar por algumas vezes com mais facilidade os seus desejos. No site vc cria uma expectativa, erotiza mais, (...)* Ela afirma ser tímida e que esta característica a impede de anunciar seus desejos.

O espaço ofertado sem dúvida acolhe esses anseios, porém o que entendemos daquele *autogovernar* encontra-se justamente na manutenção das identidades de mulheres de prática homossexual, na efetividade da troca, reiterando o que Santaella nos afirma sobre Narciso.
Contudo, o asilo midiático que falávamos na seção Troca-cartas se esvai. Para realizar uma pesquisa, lançamos mão de uma lista com mais de cem endereços de mulheres de prática homossexual e bissexual que se anunciaram no *site* Edições GLS. Num piscar de olhos, bater de teclas, estávamos todos reunidos; nos mais diversos horários, estávamos todos no monitor das internautas que receberam a pesquisa.

E a privacidade? Como se dá? Existe uma forma de o acesso ao endereço eletrônico ser impedido? Cada grupo de *mails* que formamos fornece o endereço eletrônico de todos, portanto se queremos ter sigilo no trabalho, ou em casa é bom usarmos pseudônimos evitando, assim, possíveis surpresas.

Uma informante, no retorno da pesquisa, interrogou: *gostaria de saber de onde tens o meu endereço?* Ela não percebe que seu nome está na rede? Quem anda por esses espaços conhece, efetivamente, os caminhos que trilha?

Podemos usar o endereço de qualquer conhecido ou desconhecido com a simples intenção de infernizar a vida do outro. Nisso a privacidade esvai-se. O asilo midiático é limitado. Identidades ocultas são reveláveis.

Considerações finais

Entendemos que, ao servir de mediador na aproximação (e eventual namoro) de mulheres de prática homossexual, o produto midiático participa dessa aproximação no sigilo – o que chamamos de asilo midiático – e na mediação. Esse abrigo, contudo, revelou-se frágil, limitado no que se refere aos *sites*.

Não podemos furtar-nos de relatar que em meio a esta pesquisa coincidentemente descobrimos (e de certa forma confirmamos) que mesmo o mundo virtual tão atraente por suas incontáveis possibilidades, é limitado, é pequeno. Entre as cinqüenta e três internautas escolhidas uma, em especial, foi reconhecida pelo seu endereço eletrônico e conseqüentemente sua identidade. Há algum tempo atrás, em um determinado espaço público (não virtual) a autora deste texto recebeu um *bilhetinho* que trazia um endereço eletrônico para eventual resposta. Justamente esse endereço foi reconhecido entre mais de cem endereços em uma página da *web*.

Nos classificados da mídia impressa, neste caso, a revista *Um outro olhar*, a segurança do sigilo é fomentada pela própria revista que opta por não fornecer o endereço das pessoas que se anunciam. A própria produção encarrega-se de efetivar a troca de cartas entre as participantes, e somente com a autorização das mesmas seus endereços são revelados.

Como mediadores, nos objetivos destas mulheres que lançam mão do produto midiático na sua *busca da outra,* estes veículos, através de sua linguagem própria são

complementares: o troca-cartas é eficaz no sigilo, o *site* com classificados é confortável, sendo desnecessário o uso de correio, selo, etc. Já o *chat* é um espaço onde não é necessário usar endereço, o detonador na invasão de privacidade.

A busca, a aproximação, o "cruzamento de olhares" e subjetividades nesse asilo midático dá-se com ansiedade, frustração, com necessidade de trocas, com o desejo de efetivamente encontrar uma namorada ou simplesmente uma amiga.

O "desenho" da mulher procurada toma uma forma bastante diferente daquele modelo dos "Vestais de Vênus". Elas procuram mulheres de linguagem gentil, sensual, misteriosa, sedutora, companheira, que seja cúmplice, sincera, amiga, franca, aberta, sem preconceitos. Não um corpo e sim um caráter.

São mulheres à procura de mulheres, num espaço que talvez elas não percebam, mas que dá conta da manutenção de suas identidades homossexuais.

Bibliografia

CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos*: uma exploração da hibridações culturais.
São Paulo: Estúdio Nobel, 1996.

CAPRIO, Frank S. *Homossexualidade feminina*.
São Paulo: IBRASA,1968.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade* (a era da informação: economia, sociedade e cultura; vol. 2).
São Paulo: Paz e Terra,1999.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. Coleção Primeiros Passos.
São Paulo: Editora Brasiliense,1983.

HIGHWATER, Jameke. *Mito e Sexualidade.* São Paulo: Saraiva, 1992.

SANTAELLA, Lúcia. Cultura das mídias. São Paulo: Experimento,1996.

Revista *Um outro olhar*, nº28 – ano 12, 1998.